THEATRO POPULAR PORTUGUEZ
ENTREMEZES, FARÇAS E SCENAS-COMICAS
N.º 5

GRANDE BAILE DE MASCARADOS

ESCOLHIDO ENTREMEZ DE COMEDIA

PARA SER REPRESENTADO NAS FESTAS DO ENTRUDO EM TODAS AS TERRAS DE PORTUGAL

POR

ANTONIO JOSÉ DA COSTA NABIÇA

DA FREGUEZIA DE VILLAR DO PINHEIRO (MAIA) CONCELHO DE VILLA DO CONDE

guido de grande variedade de poesias do mesmo author, a saber: — Algumas partes para comedias — Canticos ao Menino Deus — Algumas partes para representação dos Reis — O cego a despedir-se do mundo — Borboleta e a Luz — O homem feliz na compra dos burros — Um homem amante de Baccho que se pesou a cavallo — A papoula e a bonina — Loa jocosa para se recitar em qualquer comedia ou entremez.

A' VENDA, NO PORTO
NA
LIVRARIA PORTUGUEZA DE JOAQUIM MARIA DA COSTA
55, LARGO DOS LOYOS, 56

1890

PERSONAGENS D'ESTE ENTREMEZ

O ENTRUDO (figura de palha)
UM OFFICIAL (com banda e espada)
UM DITO (com bandeiras)
VOLANTE (com um chicote na mão)
VARREDOR (com uma vassoura na mão)
OUTRO DITO (para contrariar a loa do official)
OUTRO (que hade lêr um testamento)
OUTRO (que hade lêr uma prophecia)
Damas, mancebos, velhos e velhas (para formarem no fim a dança)

BAILE DE MASCARADOS

QUE SERA' REPRESENTADO DA FORMA SEGUINTE:

Uma figura de palha, figurando gente, com um vestido horrendo, á qual se dará o nome d'Entrudo, em um carro, acompanhada d'uma festa, seguindo-se as seguintes figuras: um official, de banda e espada; outro dito, com bandeiras; outro, com um chicote a que se dá o nome de Volante; outro, com uma vassoura a que se dá o nome de Varredor; outro, que hade contrariar a loa do official; outro, que hade lêr um testamento; outro, que hade lêr uma prophecia acompanhado de damas, mancebos, velhos e velhas, para formarem no fim as danças no gosto que quizerem, todos estes em figura de portuguezes, dizendo que é um rei estrangeiro que veio visitar Portugal. (No fim d'este entremez encontra-se uma scena que se poderá representar no final de qualquer comedia com tres figuras, como adiante se verá). Depois de reunidos todos os mascarados marcharão ao logar, onde hão-de representar, da forma seguinte: na frente o Volante, chegando ao logar destinado, dirá:

Senhores queiram dar largueza
Para que formem um terreiro
Que bem possa receber
Um monarcha estrangeiro.

O que ahi já vem marchando
Rodeado de nobreza
De fidalgos e fidalgas
D'esta nação portugueza,

O qual merece ser
De todos regosijado
Por tão heroicas acções
Que sempre tem praticado.

Justo é que o recebam
Como hospede real
Que por nos ter affeição
Vem prestar-se a Portugal.

E sem mais com isto volto
Para vir na companhia
Do grande hospede real
E de toda a fidalguia.

(Dará duas voltas com o chicote e tornará á rectaguarda e pela esquerda do Bandeira).

BANDEIRA (dirá:)

Illustrados cavalheiros,
Cidadãos de Portugal,
Recebei com regosijo
O grande hospede real.

O qual é de todo o mundo
Reverenciado e querido
Porque todas as nações
Com honra o tem recebido.

Por não haver um segundo
Nas sciencias e na belleza,
Nos bens terrenos e respeito
No poder e na riqueza.

O que mais que todas preza
A nação de Portugal,
Que nos vem com grande jubilo
Prestar seu valor real.

Como já foi recebido
De condes e de marquezes,
De duques e de marechaes,
Dos mais nobres portuguezes.

Os quaes vem já adjuntos
D'essa grande magestade,
Como logo chegar vereis
Para firma da verdade.

E sem que mais diga volto
N'uma marcha violenta
Para vir com o estandarte,
Marchando na sua frente.

(Dito isto voltarão á rectagurda e juntando-se ao rancho marcharão na frente).

VARREDOR (dirá:)

Com brevidade e destreza
Vou varrer este logar,
Em que a nossa fidalguia
Logo danças vem formar,

Sómente por dar recreio
Ao grande hospede real,
Que ahi vem cheio de prazer
Visitar a Portugal.

E assim sem mais demora
Principio a varrer,
Que está prestes a chegar
Como logo hão de ver.

(O official recitará a loa seguinte:)

A tão distincto congresso
Venho pedir por favor

Attenção para que eu possa
Minhas verdades propor.

A fim de um grande monarcha
A quem devemos respeitar
Pelos grandes beneficios
Que a todos faz e tem feito.

Pois são tantas as virtudes
Que o dito soberano tem,
Que sómente se emprega
Em a todos fazer bem.

Tudo sustenta a chouriços
E vinhos engarrafados,
Em que gasta cada dia
Doze milhões de cruzados:

Por querer ver todos os moços
Nutridos e bem tratados
De forma que nunca andem
Sem as barbas bem untadas.

De bem força de prezuntos,
Rabanadas e filhozes,
Como pae que só deseja
Ver suas filhas mimozas.

Pois aquellas que são orphãs
E viuvas desamparadas,
Ainda além de as manter
As traz muito asseadas

E as mesmas que estão velhas
Já do mundo esquecidas,
Nunca quer que ellas andem
Sem as barrigas sortidas.

Basta vermos para prova
Da sua grande bondade,
Que até a sua bella casa
Só denota caridade.

Pois o seu rozado rosto
Só parece um resplendor,
Que a todos alegra os olhos
Ver a sua linda cor.

E os olhos que elle tem
Como estrellas brilhantes;
Finalmente só parece
Os mais ricos diamantes.

E os seus dentes que brilham
Como flores de jasmim,
Parecem perolas ricas
Mais brilhantes que marfim.

E' elle de todo o corpo
Tão formoso e perfeito,
Que por obras e figuras
Em toda a parte o respeitam.

De toda a Europa e Azia
E contorno africano,
Todos os mancebos renderão
Graças áquelle soberano.

Que lhes faz vastos presentes
De presuntos e paiões.
Touros, bois, vaccas, vitellas,
Gallos, gallinhas e capões,

E tudo distribue
Para sustento dos povos,
Porque só quer ver alegres
Velhos, velhas, novas, novos.

E no dia de seus annos
Faz uma grande funcção
Em que assistem as raparigas
Que lhe vão beijar a mão.

Mais costuma n'esse dia
Com todas as raparigas
Repartir igualmente
Oitocentas mil libras

(Saír-lhe-ha á frente a contra-lôa com a espada na mão, mostrando que não é do rancho, e fallará da fórma seguinte:)

Suspenda seu trapaceiro
Que conceito não merece
Por vir augmentar um monstro
Que a todos aborrece.

Só merece por castigo
De augmentar um casquetão,
Trinta mil chicotadas
E dez annos de prizão.

Mas se isto não é bastante
Por decantar um carranca
Sejas mais duzentas vezes
Bem cortido com uma tranca.

De forma que nem um osso
Lhe possa ficar direito,
Portanto que tem mentido
Ante um povo de respeito.

Pois eu mesmo já conheço
O congresso enojado
D'ouvir tão vastas mentiras
Que ese infame tem ditado.

Um homem sem lei nem tino;
Falto de luz e razão,
Basta que chama monarcha
Ao miolo de um colxão.

Sendo uma palha immunda
Com figura de um corpo
Que só tem tanto respeito
Como um cão depois de morto.

Até diz que o seu rosto
Brilha como resplendor,
Quando elle é tão brilhante
Como a pelle de um tambor.

Tem dentes como de grade,
Olhos como cão damnado
Sua cara como lagosta,
O nariz encurrilhado.

Finalmente é tão horrendo
Que se os diabos o viam
Cheios de medo e espanto
Até que d'elle fugiam.

Pois o mau cheiro que deita
Até que moiva peste
Que contamina os viventes
Da superficie terrestre.

Portanto sejas lançado
Nas labaredas a arder,
Não é justo que por elle
Tantos tenham que sofirer.

(Desafio de espada)

LOA

Cale-se ahi seu infame
Que por ser tão atrevido
Tem decretado o monarcha
De lhe dar por seu castigo:

Trinta pontapés de botas,
Cincoenta de sapatos,
Trezentos couces de cão,
Mil dentadas de gatos.

E se não tiver emenda
N'essa lingua depravada
Lhe será para mais castigo
A cabeça degolada.

CONTRA

Retire-se já d'aqui
Sem que espere mais nada.
Senão a ti e a elle
Passo já a fio de espada.

LOA

Vai-te prostar a seus pés
Senão és já fuzilado
Dize-lhe que andas doudo
Para que sejas desculpado.

CONTRA

Eu não sou como tu és
Um pateta trapaceiro
Que andas chamando monarcha
A' palha de um colmeiro.

LOA

Tu nem sequer o apartas
Por sua rara belleza,
Que é a mais linda creatura
Da humana natureza.

Não vês seus reaes pés
Que são alvos como neve?

CONTRA

Bem vejo e até parece
Pés de burro de almocreve.

LOA

Não vês suas reaes pernas
Tão direitas e bonitas?

CONTRA

Bem vejo e até figuram
Que parece arcos de pipas.

LOA

Não vês quanto é bem disposto
Em todo o seu real corpo?

CONTRA

Bem vejo e até figura
Que parece um burro morto.

LOA

Não vês sua real cara
De todas a mais formosa?

CONTRA

Bem vejo e até parece
Da cadella mais tinhoza.

LOA

Não vês os seus reaes dentes
Que até parecem de prata?

CONTRA

Bem vejo e até parecem
Cada um uma estaca.

LOA

Não vês os seus riaes olhos
Que até parecem dourados?

CONTRA

Bem vejo e até parecem
Que são olhos dos diabos.

LOA

Não vês seu real cabello
Que parecem fios de ouro?

CONTRA

Bem vejo e até parecem
Que é de um rabo de um touro.

LOA

Não ve sequer, seu pateta,
Que é pagem real,
Que é monarcha estrangeiro
Que veio a Portugal.

CONTRA

Eu bem vejo e conheço
Tu que és um trapalhão
Elle que é feito de palha,
Que já foi ninho de um cão.

LOA

Não me posso mais conter
Sem cortar este asneirão.

(Jogarão ambos a espada e Contra retirar-se-ha)

TESTAMENTO

Cessem tambor e zabumba
E todo o mais instrumento
Para que com a tenção
Ouçam o real testamento.

Determina D. Entrudo
Deixar tudo quanto tem
A todas as raparigas
Porque sempre lhe quiz bem.

Deixa ás moças d...........
Por serem muito engraçadas
A liberdade de andarem
Passeiando nas estradas.

E deixa ás moças d........
Por serem muito divertidas
Todas as cadeias francas
Nas entradas e saidas.

E deixa ás moças d......
Por nunca lhe serem falsas
A liberdade de andarem
Bem calçadas ou descalças.

E deixa ás moças d......
Por serem muito interesseiras
A liberdade de andarem
A' caça das capoeiras.

E ás moças d.....
E' o seu gosto deixar
As mais ricas joias de ouro
Mas se ellas as pagar.

Declara mais que deixa
A's antigas e modernas
A liberdade de entrar
Em botequins e tabernas.

E deixa ás moças d...
Por serem da sua affeição
De pulgas e percevejos
Ainda passa de um milhão.

E ás moças de.....
Por nunca ter queixa d'ellas
Deixa ficar dois tuneis
Sem tampos nem aduelas

E ás moças de...........
Por ser muito cozinheiras
A essas deixa os seus taxos
E as suas frigideiras.

Mas com esta condição
De pagar ao caldeireiro
Trinta mil reis que lhe deve
Com dezoito ao ferreiro.

E tudo mais que lhe resta
E' o seu gosto deixar
A's que ficarem solteiras
Que não cuidar em cazar.

Mais lhe deixa de rezerva
Uma casa sem quintal
Sita no logar do Porto
A' porta do Olival.

Recommenda mais que façam
Grandes festas e fogueiras
Porque até depois de morto
Preza as suas brincadeiras.

Remata advertindo,
No fim do seu testamento
Que hade vir de hoje a um anno
Dar-lhe o agradecimento.

PROPHECIA

A tão distincto congresso
Aqui vou patentear
As finezas de um monarcha
Das quaes se hão-de admirar.

Por ser um sabio e distincto
Das sciencias tão discreta
Que não só é um monarcha
Mas tambem é um propheta.

Por que já prophetizou
Esse distincto soberano
Maravilhas nunca vistas
Que vereis no futuro anno.

Cauzarão prazer e espanto
Essas grandes maravilhas
A' vistas de olhos de avôzes
Depois mais filhos e filhas.

Mas para que taes raridades
Em antes possam saber
Attendam que a prophecia
Desde o principio vou lêr.

Haverá tão grande incendio
Motivado por Cupido
Que do amor abrazado
Arderão em fogo vivo.

Sem fumo nem labaredas
Hão-de arder em um brazão
Não só damas e mancebos
Mas nem velhos escaparão.

Nem na agua bastante
Para tal fogo se apagar
O remedio efficaz
Para isso é cazar.

Até velhinhas de oitenta
Que já estavam esquecidas
Vereis procurar cazões
Eguaes ás suas medidas.

Muita gente se hade rir
Quando fôr que isto se veja.
Velhos mesmo a cair
A correr para a egreja.

Sejam tortas, corcovadas,
Mancas sem poder andar,
Dirão vamos lá depressa
Para chegarmos a cazar.

Até algumas que haja
Que já cem possam contar
Sem poder sair do leito
E dirá que quer cazar.

De forma que então veremos
Noivados tão figurões
Com noivinhas de moletas
E noivos de seus bordões.

Mas não só isto vereis
Na ordem racional
Até que o mesmo vereis
No imperio vegetal.

Vereis as mesmas arvores
Não só um fructo darão
Mas sim dous no inverno
Outro no pino do verão.

Ainda mais maravilhas
Vereis no futuro anno
Semeiaes na terra linho
E nascer tecido panno.

Mais nota que as videiras
Tanto vinho hão-de dar
Que não hão-de haver vazilhas
Que o possam arrecadar.

Porque os vinhos para o anno
Hão-de ter tanta virtude
Que um cacho dará seis pipas
Cada uva um almude.

De forma que quem viver
Que ao anno que vem chegar
Tanto vinho verá na terra
Como de agua haverá no mar.

Os milheiros vereis criar
Espigas tão avultadas
Quo ainda passam em comprimento
D'atravessar as estradas.

Vereis outra maravilha
No centeio e no trigo
Que em logar de criar grão
Criará já pão cozido.

E de tudo mais vereis
Um anno tão abundante
Que os avós dirão aos netos
Nunca se viu semilhante.

Vereis grande prazer e saude
Em toda a nossa nação
Que por causa de doenças
Nem um real gastarão.

Assim esta Prophecia
Remato com dizer
Que se nada fôr mentira
Tudo isto se hade vêr.

(Findarão os diterios e principiarão as danças)

LOA

(Para ser recitada em qualquer comedia pela primeira figura que sahir á scena, principiando da forma seguinte)

Tão magestozo congresso
E' o que vejo agora
Que me parece em seu brilho
A brilhante bella aurora.

Só me parece um jardim
Com decencias e belleza
Cheios de cravos e rozas
Da humana natureza.

Altos senhores e senhoras,
Bellas damas e mancebos,
A quem de cantar pretendo
Mas a tanto não me atrevo.

Pois só a lingua de um anjo
Poderia decantar
Esse illustre auditorio
Que tanto vejo brilhar.

Mas por minha desventura
Sou rude por natureza
Não posso ainda que queira
Decantar tanta grandeza.

Mas com tudo isto espero
Que heide ter algum conceito
D'um generozo congresso
De bondade e de respeito.

Que me hão-de desculpar
Tudo em que fôr errante
Attendendo ás fraquezas
Do mais fragil ignorante.

E se aqui dos meus erros
Por favor fôr desculpado
Vivo cheio de prazer
Livre de ser censurado.

Assim tudo que pretendo
Sem mais vou patentear
Qual o fim que me obrigou
A vir a este logar.

Foi senhores o meu desejo
D'aqui vir dar um recreio
A um povo tão distincto
Que hoje a este logar veiu.

Pois eu bem queria que todos
Gozassem satisfação
Em recompensa de vir
Honrar a nossa funcção.

Mas só agora conheço
Que em tudo sou diminuto
Incapaz de vir fallar
Ante os senhores que me escuto.

Por me faltar as sciencias
Nem a minha lingua pode
Expressar-se ante o congresso
Distincto sabio e nobre.

Assim sómente direi
De que o baile vae constar
Já que me falta o talento
Para me desempenhar.

E entremez de comedia
De que o baile se contem
O que logo vereis patente
Que em minha seguida vêm.

E assim sem mais demora
A outro deixo o logar
Que depois de mim vem outro
De quem mais hão-de gostar.

E com isto peço perdão
Pelos erros que fizesse
Pois eu agradar a todos
Pretendia se podesse.

Scena

PARA SERVIR NO FECHO DE QUALQUER COMEDIA, REPRESENTADA PELOS ACTORES SEGUINTES:

Guilherme . . . . Casado
Deolinda. . . . . Mulher
Julio . . . . Cirurgião

(Sae Guilherme e dirá:)

Ora, senhores,
Fui eu só contra trinta
E cá só com o meu cajado
Pois senhores dei-lhe tantas
Que os levou o diabo.

E elles todos armados
De fouces e de forcados.

Mas assim que se viram
Com as cabeças rachadas
E os hombros deslocados
Fugiram todos
Que os levou os diabos.

(Dito isto dirá:)

Ai! Ai! Ai!...
O' mulher! O' mulher! O' mulher!
Acode-me que estou em afflicção
Que tão grande dôr me deu
Que me estala o coração.

(Cahirá em terra e assim estará até ao fim da scena, sae Deolinda e dirá:)

Ai! em que estado eu vejo
Meu carinhozo marido
Que me estala o coração
De o vêr aqui estendido.

Mas eu vou-lhe dar nas pernas
Uma boa fricção
Que lhe faz descer aos pés
Essa grande afflicção.

(Esfréga-lhe os pés, Guilherme dirá:)

O' mulher que em grande augmento
Vae a minha afflicção
Quero já que sem demora
Vás chamar o cirurgião.

DEOLINDA

Antes venha para o leito
Que o quero ver estimado
Que me dóe o coração
De o ver aqui estirado.

Que dirá o cirurgião
Se o vê aqui estendido,

Eu que trato com despreso
Meu carinhoso marido.

GUILHERME

Vai chamar o cirurgião
E deixa-me aqui ficar
Que eu aqui hei-de morrer
Ou aqui hei de sarar.

DEOLINDA

Ainda antes de eu lá ir
Vou matar-lhe uma franguinha
Que antes de ir lhe quero dar
Uma agua de gallinha.

GUILHERME

Tu deixa-te de franguinhas
Vae chamar o cirurgião,
Que eu estou a ver quando ouço
Estalar meu coração.

DEOLINDA (áparte)

Ainda ella te arrebente
Como estoura a castanha
Mas que dê tamanho estalo
Que se ouça na Hespanha.

A mais não tenho razão
Para que me possa queixar
Que tem sido bom marido
Tem-me sabido estimar.

Mas se me pilho viuva
Nunca mais serei mulher
Que eu não quero ter um homem
Quero ter quantos quizer.

GUILHERME

O' mulher que estás a dizer
Que eu com a minha afflição
Não te pude comprehender?

DEOLINDA

Eu dizia que se me faltasses
Morro logo de paixão
Porque nada ha no mundo
Que me dê consolação.

GUILHERME

Isso está nas mãos de Deus
Tem paciencia mulher;
Que tudo está offerecido
A'quillo que Deus quizer.

DEOLINDA (áparte)

Oh! milagroso S. Cosme e S. Damião
Se permittis que meu homem morra
Antes de uma hora,
Cedo-vos o meu grilhão.

GUILHERME

O' mulher tu não andes a scismar
Pois andas fallando só
Sem ninguem para ti fallar.

DEOLINDA

Eu estava-me a apegar com devoção
Com S. Cosme e S. Damião
Que se sarar dentro em uma hora
Hei-de-lhe dar o meu grilhão.

GUILHERME

Tu sempre tiveste bom coração
Sempre és filha de bons paes
Tiveste boa educação
Ora anda minha menina
Vae chamar o cirurgião.

E anda logo a mais elle
Bem sabes que deves estar
Para tomar conta no remedio
Que elle me receitar.

(Deolinda vae-se e logo virá após de Julio e Julio dirá:)

Oh lá! como assim está enfermo
O maior amigo meu;
E então que sente o meu amigo
Como foi que isso lhe deu?

GUILHERME

Senhor deu-me de improviso
Uma grande afflicção,
E juntamente uma dôr
Que me offende o coração.

JULIO

Deixe cá ver a sua mão,
Muito bem não se assuste
Que não vale assustar
Mas antes tenho esperanças
Que breve ha-de melhorar
Tomando um certo banho
Que eu lhe vou applicar.

Tomará um banho de assento
Sentado em uma caldeira
Mas com bem fogo por baixo
Isto uma tarde inteira.

Que eu lhe prometto saude
Se este banho tomar
Que emquanto o mundo for mundo
Nunca mais se ha-de queixar.

GUIHLERME

Oh! senhor isso é bom
Para me acabar de matar.
Veja se ha outro remedio
Que me possa applicar,

Sem que fique recosido
Quando eu sem isso sinto
Dentro de mim um calor
Que julgo ser o motivo
D'esta minha grande dor.

Pois uma tarde a ferver
Em vma caldeira mettido

Nem um osso só me fica
Sem que fique recosido.

Se me désse banhos frescos
Eu isso acceitaria
Porque até me parece
Que com elles sararia.

JULIO

Pois então eu lhe applico
Banhos á sua affeição
Que isto sendo banhos frescos
Quatro lhe bastarão.

Será arrojado a um poço
Bem atado pela cinta
Que tenha cem palmos de alto
E de agua mais de trinta.

Será então quatro vezes
Arrojado de chimpão
E d cada vez tres horas
Debaixo da agua o terão.

Assim que por esta fórma
Os banhos tiver tomado
Então por uma vez
Para cima será guindado.

Saiba que lhe certifico
Se estes banhos tomar
Nunca mais terá molestia
De que se possa queixar.

GUILHERME

O' senhor onde andou a estudar
Que só estudou
Remedios para me matar,
Eu assim tambem sei receitar
Pois isso é bom para me afogar.

DEOLINDA

Valha-o Deus homem
E' para bem da sua saude
Tome os banhos que o sr. dr. lhes diz.

GUILHERME

Vae tu tomal-os, e mais elle
E mais o teu nariz.
Arrenego-te eu diabo
Olha que amor me tens
Que me queres ver afogado.

Veja se ha outro remedio
Que me possa applicar
Mas que seja de beber
Banhos não quero tomar.

JULIO

Pois então eu lhe applico
Remedio para tomar
Que se vocemecê o beber
Logo ha-de melhorar

Com os medicamentos
Conforme lhe vou dizer
Para que este remedio
Grande valor possa ter.

Quarenta badalos de sinos,
Sessenta de campainhas,
Duzentas unhas de gaios
E trezentas de gallinhas.

Suor de chinellos velhos,
Duzentos rabos de gatos,
Doze linguas de rapozas,
Dez biqueiras de sapatos.

E tudo isto fervido
Em um almude de agua forte
E logo que isto tomar
Ficará como um barrote.

Mas será este remedio
Por cinco vezes tomado
De forma que beba tudo
Não deve ficar muado.

GUILHERME

Oh! senhor isso é bom
Para me dar a morte
Pois como é que hei de beber
Um almude de agua forte.

JULIO

Com as outras mais especies
Agua forte é rebatida
Que até assim a agua forte
Faz uma boa bebida.

DEOLINDA

Vocemecê ouve
O que o sr. doutor diz?
Que faz muito boa bebida
Pois tome esse remediosinho
Para allivio da dôr
E conservação da vida.

GUILHERME

O' mulher não me digas isso
Que me estás a affligir,
Dize-me badalos de sino
Como se hão de engulir?

DEOLINDA

Olhe homem: na Trindade
Ha uns sinos muito pequeninos
Que tem uns badalosinhos
Que hão de servir
Que eu vou lá escolher
Dos mais miudinhos
Para vocemecê os poder engulir.

GUILHERME

Mas como hei de engulir
A mais trapalhada
Nem que eu tivesse barriga de baleia
E garganta como uma estrada
E como se hão de arranjar
Dez linguas de raposa

E os rabos de tanta gatarrada,
Ainda fóra a mais cangalhada
Olhe esse remed o
Quem quizer que o tome
Que eu d'isso não tomo nada.

JULIO

Desde que eu sou cirurgião
Ainda não encontrei
Doente impertinente
Como o que hoje aqui achei.

Todos tomam o remedio
Que lhe dá o cirurgião
Com esperanças de saude
E muita satisfação.

Só vocemecê quanto lhe dou
Tudo recusa tomar
Quem é assim não me chame
Porque tem de me pagar.

Logo que isso assim é
Eu até já vou embora
Mas não vou sem que me pague
E que não haja demora.

GUILHERME

Tenha compaixão de mim
Por quem é sr. doutor
Veja se ha outro remedio
Que me applaque esta dôr.

Que se fôr outro remedio
Prometto de o tomar
Para ver se esta dôr
Me fará alliviar.

JULIO

Pois já que tanto me pede
Outro lhe vou receitar
E nada mais lhe applico
Se este me recusar.

Duzentas duzias de bolos
Cem duzias em cada mão
Que lhe faz sahir as unhas
Essa dor do coração.

GUILHERME

Oh sr. cirurgião, diga-me:
Os bolos que o sr. me manda dar
Se lh'os eu der em vocemecê
Tambem poderei sarar?

JULIO

Que andemos nos estudos
Para sermos cirurgiões
E depois em recompensa
Soffrermos uns mandriões.

Eu de por mim taes asneiras
Não estou para tolerar
E com esta vou-me embora
Tratem já de me pagar.

GUILHERME

Tenha de mim piedade
Que estou mesmo a morrer
E ainda alem da minha paga
Deus lhe hade agradecer.

Veja se ha outro remedio
Que lhe peço por favor
Para ver se me dá allivio
A tão penetrante dôr.

DEOLINDA

Senhor dê-lhe outro remedio
Sequer para o consolar
Que eu por quem sou lhe prometto
Que elle o ha de tomar.

JULIO

Pois eu outro lhe applico
Mas é só por seu respeito
Que por elle os não tomar
Não estou nada satisfeito.

O menos que eu lhe posso dar
E' vinte e uma chicotada
Que lhe faz sahir a pelle
E a dôr que está entranhada.

GUILHERME

O sr. diga-me :
Se eu lhe der em vocemecê
Essa conta dobrada e bem repuchada
Tambem fará sahir a pelle
E a dôr que está entranhada ?

JULIO

Quando o facultativo
Faz uma operação
O doente não governa
Quem governa é o cirurgião.

Tudo o que se lhe receita
Por força o deve tomar
Ou elle queira ou não queira
Não se deixa governar.

DEOLINDA

Tem razão, senhor doutor,
Assim se deve fazer
Ou elle queira ou não queira
O doente não tem querer
E assim senhor doutor
Cumpra já com o seu dever.

(Julio dará uma chicotada em Guilherme e Guilherme dirá aqui d'el-rei e se levantará correndo como quem tem saude perfeita e Julio dirá :

Espere deixe acabar de o curar.

GUILHERME

Eu já estou bem curado,
Já estou como um barrote
Vocemecê não me vê andar?

JULIO

Ainda devo levar outra
Para acabar de sarar
E para que essa dôr
Nunca mais lhe torne a dar.

GUILHERME

Já estou bem curado
Não tenho mais que curar
Estou curado e bem curado
E vocemecê póde ir embora
E vá com Deus ou com o diabo.

JULIO

Pois então vamos ás contas
Porque tem de me pagar
Quantas vezes receitei
Que vocemecê não quiz tomar?

Como estive com receita
Mais de uma hora detido
Ha-de dar-me duas libras
A mais é como amigo.

GUILHERME

O' senhor isso não tem duas libras
Nem meias duas libras
Nem meio dar
Nem meio deixar de dar.
Olhe, quando vocemecê estiver doente
Eu é que o hei de ir curar.
E ha de ser por este modo
Que lhe eu hei de pagar
Pago e bem pago
Sendo por este modo
Hei de lhe pagar dobrado
Que o hei de curar
Curado e bem curado.

JULIO

Pague-me já, seu patife.
Se não mando-o obrigar
Pois que estudo tem vocemecê
Para que saiba curar?

GUILHERME

Eu como muito fino
Não foi preciso estudar
Porque foi comsigo mesmo
Que eu aprendi a curar.

"Ha de ser por este modo
"Que lhe eu hei de pagar
"Porque o hei de curar
"A vocemecê e a sua mulher
"E a quantos doentes
"Em sua casa houver
"E hei-de cural-o
"Curado e bem curado
"Tomára eu que vocemecê esteja
"Doente que me hei de
"Regalar de o chicotear
"Bem chicoteado.

(*Julio investindo dirá:*)

Pague para cá seu brejeiro
Não estou para o aturar.

GUILHERME

Vocemecê póde ir embora
Não temos mais que fallar
Quando estiver doente
Eu é que lhe hei de ir pagar.

(Julio investirá a Guilherme; tocará um apito de caçador; sahirá um leão; Guilherme dirá: avança meu leão, e o leão avançará ao Julio e Julio fugirá gritando e Guilherme o seguirá; e d'esta maneira termina a scena.)

Um cego que sempre viveu pobre e nunca mendigou, despedindo-se do mundo

Adeus mundo, adeus patria,
Adeus lugar em que eu nasci,
Adeus pessoas que me viram
E adeus tudo que eu não vi

Adeus todas as flores
Que eu no mundo conhecia
Somente por seus aromas
Que eu as suas côres não via.

Adeus innocentes aves,
Que com a vossa canção
Muitas vezes alliviastes
Maguas do meu coração.

Adeus ralos e grilinhos
Que cantaes na noute escura
Com ser bichinhos mostraes
Que gosaes maior ventura.

Adeus ranzinhas dos rios
Que mais é vossa alegria
Que eu na terra vivo triste
E vós cantando na agua fria.

Adeus pesados invernos
Adeus vastos chuveiros
Que tanto me atormentastes
Nos dezembros e janeiros.

Adeus furiosos ventos,
Adeus vastos saraiveiros
Que era o mais das rabanadas
Que eu topava nos fevereiros.

Mas queixa nenhuma tenho
Do rigoroso inverno
Por ser tempo destinado
Por ordem do sempre eterno.

Adeus pedrinhas das ruas
Em que dei tantas topadas
Que me fez ficar por veze,
Com as unhas desmembradas.

Adeus vastos arvoredos
Que por vezes encontrei,
Que entre as vossas verdes faces
Em minha testa pizei.

Adeus espinhosas arvores
Que tantas vezes me cravastes
Adeus ó agrestes silvas
Que de sangue me manchastes.

Adeus raizes que estaes
Nas quelhas atravessadas
Em que tanto tropecei
E dei vastas canelladas.

Adeus ó brechas escuras,
Em que tres vezes cahi
Mas da ventura ajudado
E' que em vós nunca morri.

Adeus rios, adeus pontes
Que em vós nunca soffri
Passei sempre a salvamento
Por fortuna não cahi.

Adeus pocinhas das chuvas
Em que tanto me alaguei
Que até com o meu calçado
Bem pocinhas esgotei.

Adeus geadas da neve
Que falseasteis meus pés
As quaes nas manhãs frias
Eram os meus chás e cafés.

Adeus ó faces de valas,
Adeus cancellas e esteios,
Adeus todos os tranquilhos
Que encontrei nos meus passeios.

Mas de tudo que é immovel
Eu não me posso queixar
Porque não me molestavam
Se os não fosse encontrar.

Só me queixo dos pifeiros
Que tres vezes me morderam
Sem que eu lhes desse motivo
Com desamor me offenderam.

Mas queixas nenhuma tenho
Do gadinho cavallar
Que por vezes encontrei
E deixou de me atirar.

Abençoados boizinhos
Vastas vezes aconteceram
Encontral-os entre os chifres
Porem nunca me offenderam.

Tudo isto acontecia
Pela falta de pastor
E por eu andar sozinho
A' ventura do senhor.

Como sempre vivi pobre
E esmola não pedia
Assim dava os meus passeios
Sempre sem ter companhia.

Como só se de seu voto
Alguma esmola me davam
Porisso luxo não tinha
Para que tivesse criado.

Porque só tenho vivido
Com os meus ganhos mesquinhos
Sou qual outro Nabiça
Que vivia de versinhos.

Mas agora que é hora
Que estou prestes a morrer
A todos os bemfeitores
Só aeus quero dizer.

Rogai-me a Deus pela alma
Pelo amor de Jesus
Para que eu além das trevas
Vá gozar eterna luz.

Por vós rogarei tambem
Para que todos gozemos
Para todo sempre amen.

A PAPOULA E A BONINA

PAPOULA

Sai-te já d'aqui bonina
Não estejas ao pé de mim
Porque tu não és flôr
Digna d'estar em jardim.

Que só podes ter logar
Em campinas e vallados
Aonde só te rudeiem
Pampillos e saramagos.

Porque é pouco o teu brilho
E arôma nenhum tens
Se brilharas como eu
Merecias parabens.

Que com o meu grande brilho
Dou belleza ao jardim
E grande prazer aos olhos
Que se empregam em mim.

BONINA

Não te ufanes vaidoza
Porque erras no que dizes
Mais do que agradas aos olhos
Aborreces aos narizes.

Que até já muitas pessoas
Que á tua beira teem ido
Tem com os dedos nos narizes
A toda a brida fugido.

E dizendo a papoula
Não merece estimação
Porque tem peior aroma
Do que a cauda d'um cão.

Ainda por outro motivo
E' bem baixo o seu valor
Porque assim que abre a roza
Deixa cahir a flôr.

Fica só com o cabaço
Que parece uma caveira
Ou uma cabeça calva
Estando sem ter cabelleira

Até por isso não serve
Para estar em logar sagrado
Porque somente o cabaço
E que é firme no vazo.

Pois em quanto a flor
Firmeza nenhuma tem
E' comparado á mentira
Que pouco dura tambem.

O que assim não acontece
Com a flor da bonina
Que pela sua firmeza
E' da mais alta estima.

P'ra maior d'isso é flor
Do inverno e do verão
Serve sempre nos altares
E a da papoula não.

Isto não é querer baixar-te
Nem querer augmentar a mim
São diterios de muitos
Que disfructo jardim.

Assim não vale o agastares-te
Que entre nós não ha questões
Porque esta nossa causa
Pende só d'opiniões.

Nem pode esta nossa cauza
Entre nós ser advogada
Diz-me já estás conforme?
D'esta razão tão clara?

Não respondes, é bem certo
Que a quem sem razão fallar
Acontece muitas vezes
Dar armas p'ra se matar.

O que só por querer ganhar
Joga até que gasta tudo.
Perguntando-lhe se ganhou
Mais vale fazer-se mudo.

CANTICOS

Que devem ser dirigidos ao Menino-Deus, dentro dos Templos

Oh meu menino Jesus,
Entrai no meu coração
Purificae minha alma
Dai-me esta consolação.

Oh meu menino Jesus,
Nosso doce Redemptor;
Ouvi os humildes rogos
De um coração peccador.

Oh meu menino Jesus,
Não vos esqueçaes de mim;
Fazei a minha alma vossa
Para seculos sem fim.

Oh' meu menino Jesus,
Oh' meu infante divino
Perdoae-me os meus peccados
Dai-me o vosso patrocinio.

Oh' meu menino Jesus,
Filho da virgem sagrada
Fazei as nossas almas
Entrem na vossa morada.

Oh' meu menino Jesus
Ensinae-me que sois mestre
Para que eu possa entrar
No vosso reino celeste.

Oh' meu menino Jesus
Defendei-me dos infernos:
Para que eu, alem da morte
Vá gosar os bens eternos.

Oh' meu menino Jesus
Filho da Virgem Maria,
Prometti que vamos todos
Gosar vossa companhia.

Oh' meu menino Jesus
Por vossa santa bondade
Dai-me a bemaventurança
Por toda a eternidade.

Acceitai meu Deus menino
Estas minhas orações
Dai-me forças para que eu possa
Combater tentações.

Cobri-me com vossa graça
Dai-me a vossa santa benção
Para que eu viva e morra
Sem mais commetter offensa.

A BORBOLETA E A LUZ

BORBOLETA
Luz para que me offendes
Que me queimas sem razão,
Pois que cauza te dei eu
Para me usares de ingratidão?

LUZ
Tu para que me rodeias
Se te podes affastar,
Não te chegues para mim
Se te não quizeres queimar.

BORBOLETA
Eu não te posso deixar
Estou comtigo encantada
Quero-te andar volteando
Dançando no estrepaciado.

LUZ
Logo que eu não te procuro
E tu és que me persegues
Se de mim fores offendida
Queixar-te de mim não deves.

Isto se vê meus leitores
Nos da mesma ordem humana
Dos que amam com affecto
A quem sem affecto ama.

Mas direi eu n'esse caso
Quem não quer marchar errado
Nunca caia na fraqueza
De pagar adeantado.

O homem infeliz na compra dos burros

A um homem d'esta terra
Certo caso aconteceu
Do que tive bem pezar
Por ser um amigo meu.

Que deu elle por um burro
Trinta e um mil e quinhentos
E vendeu por tres libras
Que infeliz contentamento.

Não sómente foi desgraça
As quatro que elle perdeu
Mas que tão mal empregou
Ainda as tres que recebeu.

Porque as deu por um burro
Bravo e cheio de murrinha
Que até nem por alto vale
O preço d'uma gallinha.

A mais teve bem amigos
Que para bem o avizassem
Que não caisse na asneira
Que tal burro não comprasse.

Aos d'aquelles bons conselhos
De nenhum se convenceu
Só desde que comprou o burro
E' que bem se arrependeu.

Depois de entender que fez
Uma asneira tão comprida
Logo disse: já o vendo,
E com perca de uma libra.

Até disse a um amigo
Se por duas lh'o vendesse
Que lhe dava meia libra
Para que lhe agradecesse.

Que fez este bom amigo
Depressa n'isso cuidou
Encontrando um homem tal
A venda lhe effectuou.

Indo dar parte ao amigo
D'aquelle bom resultado
Mas que fez elle faltou
Ao que tinha contratado.

Por ser um d'aquelles homens
Comparados aos ventos
Assim disse não o dou
Menos de doze e quinhentos.

Ficou mal o que vendeu
E mais mal o que faltou
E só dos tres ficou bem
Aquelle que não comprou.

Porque dava duas libras,
Isto não é mangação,
Por um burro que só vale
Seis vintens ou um tostão.

Que falando a verdade
Assim mesmo como é
Esse homem que tem burro
Mesmo sem querer anda a pé.

Até quando quer montar
Que d'isso tenho eu dor
E' pagando aluguer
Quando não é de favor.

Não é no seu torpe burro
Porque da forma que é bravo
Tem-se a prumo nos dois pés
Até quebrar o telhado.

Que já para o amansar
Lhe usaram de ideia
De pendurar-lhe ao pescoço
Duas arrobas e meia.

Porém o tal roscinante
Com o seu rumpante bravo
O cavalleiro e pezos
Deitou tudo com o diabo.

E mais é cheio de môrmo
Todo coberto de tinha
Isto é aqui para nós
E' um poço de murrinha.

Finalmente é desfortuna
Mas ninguem acerta sempre
O remedio é gemel-o
Na cama que é logar quente.

Porém não se descontente
Que ainda n'este caso digo
Que o céo está preparado
Para o bem arrependido.

E a fim da sua desgraça
Nada mais quero dizer
Porque tenho a bocca secca
Já um litro vou beber.

Se quizer venha a mais eu
E ambos só cearemos
E emquanto a fim do burro
Até mais não conversemos.

UM HOMEM MUITO AMANTE DE BACCHO

QUE SE QUIZ PESAR A CAVALLO

Certo caso aconteceu
Que lhes digo, meus senhores,
Olhem que isto foi verdade
Um homem a cavallo n'um burro
Pezou-se n'uma balança
Por não haver outro tal
E que d'isto fiz lembrança.

Querem saber, meus senhores,
O qual era o mais pezado
Disseram que era o homem
Porque o burro era magro.

Que até o pobre burrinho
Passava por bacalhau
Por não haver um tão magro
Entre a terra e o céo.

Só por causa do trabalho
Que o amo lhe tinha dado
E sustentado com sombras
De paredes e telhado.

Assim foi por homens sabios
O peso d'elle orçado
Julgou-se pesar o homem
M is do que o burro dobrado.

Mas isto é só ás vezes
Que elle não pesa assim sempre
E quando está feito odre
Com a cara como gente.

Mas tendo o odre vazio
Que n'elle não traga vinho
Então pesa sem differença
Bem igual com o seu burrinho

Mas emquanto ao beber
Digo que faz muito bem
E se alguem tiver inveja
Que faça o mesmo tambem.

Que o homem por beber
Não deixa de ser honrado
Deve beber do melhor
E só do engarrafado.

Que lhes diga senhores
Um caso que tenha graça
Era se eu á custa d'elle
Esgotasse uma garrafa.

E que fosse do mais fino
Para cantar uma cantiga
E dizer duas gracinhas
A mais bella rapariga.

Pois se fosse um grande copo
Ou por uma grande enfuza
Então é que se veria
Maravilhar minha muza.

Que então tocava guitarra
Soltava a minha canção
Conversava as raparigas
Até lhe punha a mão.

Como assim não acontece
Adeus até outro dia
Só desejo a meus senhores
Vida, paz e alegria.

Digam ao dono do burro
Que o tratem sem preguiça
E para o mais que quizer
Tem ás ordens o NABIÇA.

O logar aonde se viu
Este homem e o burro pesar
Foi aonde se pesam os bois
Que vão para embarcar.

Loa graciosa para qualquer comedia

Guarde-os Deus, meus senhores,
Venho notar certo caso
Que commigo aconteceu
Empeceram-me dois lobos
E n'este caso que fiz eu ?

A um dei um pontapé
N'outro dei um bofetão.
Que elles logo de repente
Cahiram mortos no chão.

Depois encontrei mais tres
Mas peguei-lhes pelos rabos
Dei com elles n'um rochedo
Que até os puz em bocados.

Mas outra me aconteceu
Que essa fez-me afflicção
Depois de eu matar lobos
Appareceu-me um leão.

E todo feito a mim
Com uma furia arrogante
Mas votei-lhe as mãos ás guelrras
Que o esganei n'um instante.

Ainda aqui não finda o caso
Mais lhe digo sem mentir.
Que d'esta minha verdade
Não deixarão de se rir.

Hontem n'um certo logar
Que era bem deshabitado
Sahiram doze pantheras
E todas juntas me assaltaram.

Pois senhores não foi mais nada
A couces e pontapés
Das doze fugiram duas
Mas mortas ficaram dez.

Depois de isto logo, logo
Me investiu uma serpente
Mas puz-lhe um pé na cabeça
Que ella morreu de repente.

Pois senhores era temivel
Sem lhes faltar á verdade
Na grossura e na grandeza
Parecia me uma trave.

E morreu com o ferrão de fór
Pois o lhe era tão comprido
Tinha dois metros e meio
Que até por mim foi medida.

E hoje pela manhã
Empeceu-me uma quadrilha
Que me sahira d'um bosque
A mim e á minha filha.

Pois eram bem mais de trinta
Mas com tal medo fugiam
Para que eu os não caçasse
Até a vão passaram um rio.

Assim venho notar isto
Se alguem de mim precisar
Que eu os venha soccorrer
Então vão-me procurar.

Que eu lhe vou dizer os nom
Por quem hão-de perguntar
Mas isto é só no cazo
Que alguem chegue a preciza

Meu pae é D. Francisco das c
Minha mãe D. Joanna das c
Meu avô D. João das camaud
Contratador das burras preta

E eu sou tataraneto de Manu
E bisneto de Samsão
E por meu nome me assigno
D. Gonçalo Valentão.

E com isto vou-me embora
Se alguem de mim precizar
Pergunte por estes nomes
Que a minha caza vão dar.

FIM.

Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão, L. de S. Domingos, 74.